



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Estética e Categorias Estéticas.

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.12 junho 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: “A Emoção Estética”, Waltércio Caldas, 1982

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

A capa desta edição é prancha 10 do livro do artista Waltercio Caldas: “*Manual da Ciência Popular*”, publicado no Rio de Janeiro, pela Funarte em 1982 cuja Obra é oportunamente chamada de “*A Emoção Estética*”. A imagem sintetiza, a meu ver, uma alteração do “estado de espírito” demandado pela *Apreciação Estética* como uma espécie de “enlevo” ou “agrura”, decorrente do processo gerador de sentido, sentimentos e emoções estimuladas por uma Obra de Arte. Não se pode dizer que toda apreensão estética seja positiva, há obras que provocam sensações negativas, mas isto também faz parte da Arte.

É nesta linha de raciocínio que se justifica o surgimento das denominações sobre os estados de espírito decorrentes da Apreciação Artística chamados de “*Categorias Estéticas*”.

Tais categorias não permaneceram sempre as mesmas, algumas foram ampliadas, novas surgiram e foram incorporadas. Eventualmente algumas fogem às origens e mesmo à compreensão cotidiana, contudo, este é um tema rico e motivador, por isto, não posso deixar de aproveitá-lo para desenvolver algumas reflexões à respeito dele.

Quando se pretende refletir sobre *Categorias Estéticas* é necessário abordar a própria *Estética* e ao mesmo tempo pensar nos *Objetos de Estudo* da *Estética* que são as *Obras de Arte*, seja em que modalidade expressiva for: Visual, Cênica, Musical, Literária ou Audiovisual, uma coisa está ligada à outra, portanto, é necessário partir do objeto de estudo, delimitar o campo teórico sobre o qual se fala para identificar e entender as categorias com as quais se lida. Tais categorias estão vinculadas histórica, tradicional e socialmente às modalidades expressivas das quais resultam e por meio das quais se manifestam como Arte.

Não se pode pensar que as categorias decorrentes da Arte Visual sejam passíveis de serem aplicadas à música, poesia ou teatro, cada uma em seu campo. A área ou a tradição que as gerou e amparou não deve ser ignorada. Originariamente, as abordagens para apreciação, análise e explicação das Obras de Arte Visual foram realizadas no campo da Filosofia, mas com o passar dos séculos, surgiram outros campos teóricos como a História, a Estética, a Sociologia, a Arqueologia, a Antropologia, a Psicologia e a Semiótica que também passaram a abordar as manifestações artísticas, portanto não é só da Estética que vive a Arte.

Esta proliferação de campos teóricos ocorreu por diferentes motivos. Um deles parece ter sido o “envelhecimento” ou “endurecimento” da Estética tradicional que se manteve arraigada a valores clássicos; outro foi justamente o surgimento de novas abordagens teóricas como já citadas; outra questão foi a transformações pelas quais a Arte passou desde fins do século XIX com o advento do Modernismo e no século XX o Pós-Modernismo. Tudo isto provocou uma revolução nos modos de criação, apreciação e análise como também de julgamento e crítica de Arte.

Portanto para se falar em “*categorização estética*” é necessário retroceder na história em busca de uma espécie de balizamento ou recorte que seja capaz de conciliar as concepções já consagradas, mesmo que anacrônicas, com novas abordagens e tendências analíticas que surgiram desde o século passado. Pela complexidade do tema, este não parece ser uma tarefa para o tipo de texto que realizo nestas revisões, mas não deixa de ser uma possibilidade para trazer um tema mais denso em busca da compreensão dos objetos de estudo em questão: as Obras de Arte Visual.

O primeiro balizamento parte da pergunta: O que é Estética?

A Estética só se torna um campo de abordagem artística no século XVIII, antes disso era a Filosofia que falava sobre Arte. A inserção da palavra no vocabulário da Arte se deve a Alexander Gotlieb Baumgarten (1714-62). Este é o marco da criação de um campo próprio e autônomo sobre a Arte. Embora a Filosofia tivesse sido a primeira a se dedicar às reflexões sobre Arte, acabou por adotar a Estética como um novo ramo já que a própria Filosofia é um recurso de abordagem dos fenômenos naturais e/ou sociais em busca do conhecimento: Filo (gostar) e Sofia (conhecimento).

O processo de abordagem cognitivo original se utilizava do raciocínio e da lógica para esmiuçar os fenômenos naturais e culturais como um recurso de reflexão e análise em busca da explicação das coisas. Assim os fenômenos, eventos, valores éticos e morais eram abordados desta forma e, entre eles, a Arte. Desde os gregos, valores éticos e morais como bem e bom correspondiam, na Arte, ao Belo. Embora as análises sobre a Arte não fossem prioritárias, mesmo assim a Arte era tratada “de passagem” entre os vários temas discutidos pelos primeiros filósofos gregos, ainda não se chamava Estética e a única categoria era o Belo Idealizado.

Para situar melhor a palavra Estética, ela vem do grego *aisthesis* e se refere ao sensório, perceptível e não ao sensível ou à sensibilidade. O surgimento da Estética como campo do conhecimento da Arte se deve, como já dito, a Alexander Gotlieb Baumgarten ao publicar seu livro *Estética* em 1750. Nele a adota como conceito e a define como ciência da Arte. Concebe que a Arte decorre não só de procedimentos cognitivos, mas principalmente *estésicos*, sensíveis e subjetivos que só a Arte é capaz de promover ou provocar, portanto era necessário desenvolver métodos de abordagem diferenciados da ciência convencional, ou seja: Estéticos.

Admite que o estésico/estético opera em níveis de valores sensíveis nos quais a criação e/ou fruição buscam uma espécie de contemplação que não é passível de explicação pela lógica convencional por ser algo indeterminado, mas capaz de motivar tanto quem cria quanto quem aprecia, cujos valores são afetivos, sensíveis e emocionais. Para ele parecia claro que a Lógica estaria para o pensamento racional assim como a Estética estaria para o pensamento sensível, ou seja, cada campo de conhecimento deveria ser abordado pelas necessidades e particularidades de cada um.

Baumgarten, propõe uma Ciência da Arte e a chama de Estética definindo um campo que requer também um método, um processo de abordagem disposto a investigar e desenvolver o conhecimento sobre a Arte. Para ele há uma relação de causa e efeito, no que diz respeito à produção artística, que não se resume apenas às narrativas e descrições figurais recorrentes da tradição mas que se caracteriza como a busca de substratos conceituais, cognoscíveis e epistêmicos capazes de equipará-la às demais ciências. Ele lançou a pedra fundamental e a partir dele, outros estudiosos continuaram a construí-la.

Mais tarde Emmanuel Kant e Friedrich Hegel adotam também o termo Estética e o aplicam às suas reflexões sobre Arte. Aos poucos a Estética vai tomando forma, se constituindo e se consolidando como o campo preferencial de abordagem da Arte. Tanto Baumgarten, quanto Kant e Hegel viveram quase na mesma época e, de certo modo, tinham o mesmo interesse em consolidar sua produção intelectual para alcançar o reconhecimento. Portanto, é de se esperar que os fundamentos, princípios, pressupostos e conclusões a que chegaram, variam entre eles embora partam de interesses comuns.

Immanuel Kant, 1724-1804. O pensamento Estético de Kant parte do princípio de que todas as pessoas tem a capacidade de exercer o que chama de Juízo Crítico, em relação ao Juízo Estético considera que o que predomina é o *Gosto*, ou seja, uma valoração de ordem pessoal e subjetiva, mas ao mesmo tempo defende que o belo “*é o que agrada universalmente, sem relação com qualquer conceito*”, ou seja, ora é subjetivo ora é universal, o que mostra uma certa contradição. Deve-se considerar que a base de seu pensamento é organizada a partir do seu contexto cultural: o da Arte tradicional.

No seu tempo as manifestações artísticas se configuravam dentro das concepções Neoclássicas e Românticas, portanto, Arte Visual, para ele, correspondia a estes dois estilos. Como se sabe ambos adotam a base naturalista arraigada nos valores acadêmicos da tradição Clássica. Assim, o que ele julgava como Belo tinha um caráter moral e era também o que os artistas de sua época realizavam de acordo com a escola dominante. Este é um dos problemas que se enfrenta ao recorrer aos textos do passado para olhar o presente: uma incongruência conceitual.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel, (1770-1831). Também adotou, com restrições, a Estética já que preferia o nomear este novo campo de conhecimento de Filosofia da Arte. Para ele o Belo é uma criação do espírito humano, não existe na natureza, portanto é superior a ela, assim o único Belo é o da Arte. Por meio da Arte é que a civilização mostrou seus valores, conquistas e crenças, portanto a Arte seria a única maneira que o “espírito humano” tem para consolidar sua própria cultura e humanidade. As argumentações Hegelianas também recorrem aos filósofos gregos, conduta típica da visão ocidental vigente à época.

Este “espírito humano” assume o conceito de “Absoluto” que rege a Arte, a Religião e a Filosofia. Estas três instâncias seriam as “estratégias” humanas usadas para superar as contradições e rupturas, ou seja, estabelecer uma espécie de hegemonia de pensamento que, por consequência, orientaria suas ações. Para ele haveria um Belo artístico ideal que surge sob três aspectos: Simbólicos, Clássicos e Românticos. Obviamente, como não podia deixar de ser, ele também se mostra contaminado pelo seu tempo, isto reforça a dificuldade de usar pensamentos do passado para olhar o agora.

Entre estes três estudiosos pode-se perceber que há pontos de convergência e divergência que poderiam angariar mais ou menos adeptos para um ou para outro. Contudo, não se trata de uma disputa de quem consegue maior aceitação, mas sim de quem possibilita melhor compreensão do fenômeno artístico atual. Ao mesmo tempo vale reforçar que eles estão imersos num ambiente e num tempo cujos valores socioculturais correspondem ao que se pensa e se produz naquele contexto, portanto, transportar ou esperar que tais concepções transcendam o tempo é mera ilusão.

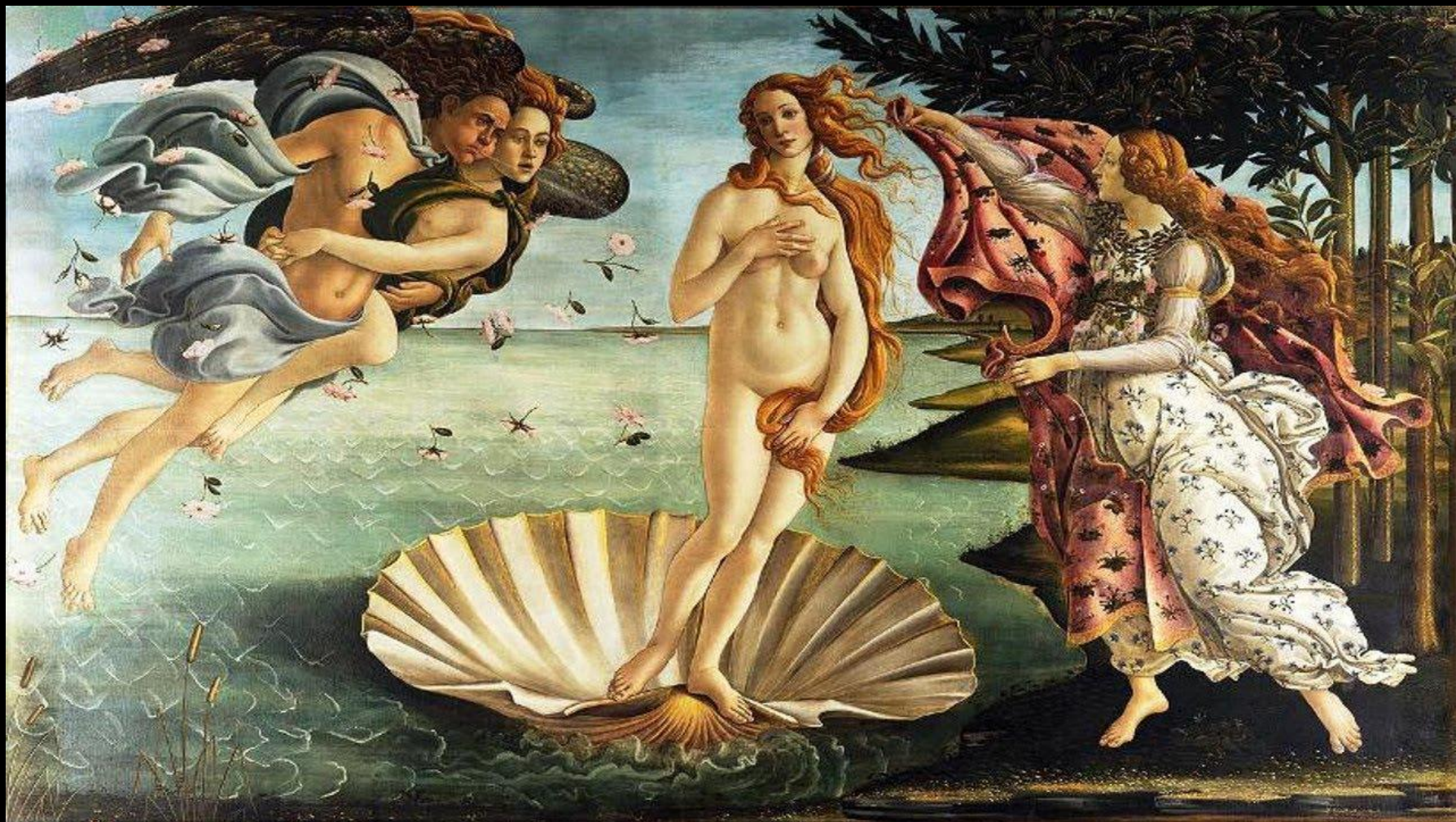
Digo isto para arrefecer os ânimos dos conservadores no sentido de que é necessário manter a devida distância histórica e cultural quando se analisa algo que não pertence ao tempo de quem avalia, pois, a distância física ou temporal, oblitera a compreensão, a análise e principalmente o julgamento. A ciência se propõe à neutralidade, no entanto, é muito difícil existir neutralidade quando se trata de seres humanos. Em geral o que se chama de Ciências Humanas é o campo mais insólito e variável que se tem no contexto do conhecimento: Nada é definitivo nem para sempre...

Obviamente, não estou fazendo uma resenha do pensamento estético, apenas recorrendo a alguns autores para deixar claro que o percurso do pensamento sobre Arte se transformou. Por isto chamei aqui de uma velha ou endurecida Estética às concepções de Arte que recorrem ao modelo clássico para estabelecer parâmetros de validação e julgamento para o agora. O que estes pensadores tomaram como referência foram as manifestações artísticas que correspondiam aos modos de pensar no seu tempo, logo, suas constatações e conclusões servem para o seu tempo mas não para depois, pois se tornam anacrônicos.

Por outro lado, a consagração dos filósofos tradicionais como bússolas do pensamento ocidental colonialista também ajudou bastante na criação de concepções estéticas embasadas no pensamento difundido na sociedade europeia a partir da cultura greco-romana reivindicada e reificada pelo Renascimento e reforçada pelas Belas Artes, logo, Arte para ser Arte tinha que ser Bela. O problema do Belo é que o que é belo para alguém não será para todos e para sempre. Para resolver isto houve a necessidade de cotejar este conceito com outros que diferenciasssem e/ou o complementassem:

Pode-se dizer que assim surgiram as Categorias Estéticas. O Belo, teria sido a primeira categoria identificada, mas devedora do Ideal de Belo grego e este não foi o que perdurou no pensamento de outros pensadores mais recentes. O Belo Ideal grego se referia à possibilidade da criação artística não imitativa, não mimética, aquela que não recorria à reprodução da realidade visível, mas sim à idealização da forma de tal modo que evidenciassem o equilíbrio e a harmonia do Mundo das Ideias, um mundo ideal. A representação do corpo humano não teria deformidades, rugas ou qualquer imperfeição, era um corpo idealizado, ideal.

Este corpo ideal se tornou a base do modelo clássico e influenciou o mundo ocidental como “Beleza Clássica” que perdura até hoje. Uma espécie idílica de Beleza Universal que deve ser seguida ou buscada pela “boa” Arte. Como se sabe, esta busca pela hegemonia acabou com o advento do Modernismo que rompeu com os cânones do passado. Contudo, não se pode dizer que esta questão está apagada, ela surge e ressurgue de várias maneiras, ora como Realismo, ora como Hiperrealismo, as relações entre a natureza, o mundo visível e a Arte, estão sempre em diálogo.



Segundo a visão clássica tradicional, não há dúvidas que a obra “O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli, 1483-85, condensa a ideia do Belo Ideal. A figuração dos corpos, a harmonia das cores, o equilíbrio da composição, tudo isto constitui a essência do que se considera adequado a uma Obra de Arte uma Obra Prima digna deste nome, mas não é nada “realista”, basta observar a arbitrariedade dos corpos e da luz.

Voltando à questão das Categorias, se há algo que é Belo, por oposição há algo que é Feio. Assim surge a dicotomia entre Beleza e Feiura. Agora há duas categorias: a do Belo e a do Feio, mas não só elas, a tradição indica, pelo menos, seis categorias: a do Belo, do Feio, do Sublime, do Trágico, do Cômico e do Grotesco. Estas categorias são recorrentes até o século XIX, enquanto a influência “belartística” durou. A partir do Modernismo a necessidade, interesse ou busca por categorias praticamente desapareceu e, a maioria dos estudiosos, a não ser os conservadores, deixaram de lado esta mania anacrônica que não explica mas complica.

Mesmo assim vou continuar a falar disso, por dois motivos, um é o fato de ter lançado o tema e outro é o caráter pedagógico que me leva a escrever sobre Arte: uma vez professor, sempre professor.

O Belo, no contexto da Arte Visual além de evocar a tradição clássica, incorpora aspectos relacionados ao visível, à visualidade e a maneira como a imagem artística é criada. O Belo pressupõe algo que possa ser considerado agradável a todos, como queria Kant, ou Absoluto como queria Hegel, portanto, algo para ser Belo deve parecer bonito ao gosto de muitos.

Por outro lado, nem tudo é Belo ou considerado bonito, não se pode ignorar que o Feio insiste em assombrar o campo da Arte o tempo todo. A obra de Francisco de Goya y Lucientes: “Saturno devorando o filho”, de 1820-23, nada tem de Belo. As pinceladas são rústicas, duras, as figuras são grotescas, o ato “antropófago saturniano” é horrível. Neste caso, não se pode dizer que esta obra representa algo de belo, mas sim uma oposição a ele, é a essência da feiura, portanto, pode muito bem justificar e representar a categoria do Feio ou Grotesco.



O problema é que nem sempre a Arte ou os artistas estavam dispostos a manter esta premissa e quebravam esta regra. Assim surge a contraposição ao Belo que é o Feio. O que seria então esse Feio? A princípio tudo aquilo que não se enquadrasse no gosto ou no senso comum do agradável, seria desagradável. Se uma obra portadora de beleza estimulava o prazer era agradável, aquelas que estimulavam o desprazer, eram desagradáveis, ou seja, Feias. Isto não parece ser muito claro pois eventualmente veem-se obras bem elaboradas, bem construídas com imagens fabulosas cujos temas são feios.

Então o Belo se refere a que? À aparência ou ao tema? Por exemplo, a obra escultórica “*O Rapto de Proserpina*”, de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), artista Barroco Italiano, pode ser usada para refletir sobre esta questão:



Ao observar a Obra, tem-se a nítida impressão de que se trata de algo muito próximo ao que se vê no mundo natural, parecem corpos humanos “de verdade”, embora a presença do mármore traia esta sensação, mas é “Bela” ou bonita.



Na mitologia grega, Proserpina é filha de Deméter, que é raptada por Plutão e levada para o submundo. A dinâmica da ação na Obra revela o pavor e o esforço da luta de Proserpina para se livrar de Plutão e, ao mesmo tempo a força que ele faz para mantê-la sob seu domínio. O Tema, por sua vez, se refere ao Rapto, cujo significado é: Sequestro, arrebatamento de uma pessoa pela violência, ou seja, algo terrível, abominável, errado e... Feio! Por um lado temos a beleza imposta pelos domínios e habilidades técnicas de Bernini e, por outro, o horror do tema, ou seja, o Feio... Que contradição...

Se o Belo, conforme a visão clássica, corresponde ética e moralmente ao bem e ao bom, como admitir que um tema mau, terrível, seja belo? Percebe-se então que o Belo não se refere à beleza ou ao bonito com que se lida no mundo natural, corriqueiro e cotidiano, mas a uma convenção estabelecida para construir a apreciação e as reflexões sobre as Obras de Arte delimitada por “Categorias” que são mutáveis, instáveis, opostas e/ou excludentes: uma construção teórica, conceitual ou normativa que ajuda a observar a criação artística e estabelecer um diálogo com o meio, com a sociedade e com a cultura, um procedimento “categorizador”.

Então se o Belo é a manifestação do prazer também possibilita o surgimento de categorias que o reforçam e o distinguem como o Sublime, que recorre à beleza do mundo natural, da natureza ou das belas ações como recurso de sentido, apreciação e análise e, ao contrário, o Feio que gera o desprazer, asco, repugnância. Assim surgem as categorias opostas ao Belo como o Grotesco, o Horrível, o Sinistro. Sob a mesma ótica pode-se destacar outras oposições como o Trágico e o Cômico, o Humor e o Sarcasmo entre outras como o Kitsch ou “mau gosto” que vão surgindo ao longo da história.

As Categorias servem então para amparar ou justificar modos de apreciação e análise do passado já que o conceito de belo, como se viu, admite que nem toda obra pode ser bela, talvez sublime, mas se não for bela nem sublime, resta o Feio, o Horrível ou Grotesco. Pode ser ensimesmada quando é uma espécie de autorreflexão, kitsch quando revela o mau gosto. Mau gosto atribuído a algumas obras ou períodos como, por exemplo, o Maneirismo, o Barroco e mais tarde o Impressionismo, o Expressionismo, o Cubismo que romperam com as categorias vigentes e se tornaram Movimentos e tendências estéticas.

Enfim, nem só de categorias vive a Arte Visual, mas também das novas abordagens que são criadas ou adotadas na relação com as Obras de Arte que surgem o tempo todo em todos os tempos. A questão das Categorias Estéticas na atualidade soa como anacrônica, justamente por terem se originado em momentos que a Arte era produzida dentro de contextos sociais hegemônicos e muito diferentes do atual, assim, o interesse pelas categorias só tem lugar no ambiente de ensino por meio de conteúdos, tanto da Filosofia quanto da Estética, mas não gera efeitos diretos sobre a produção artística contemporânea

Qual é o “Ponto de Mutação”?
Parafraseando *Fritjof Capra*, que escreveu o livro com este nome, publicado pela Cultrix em 2006. O autor busca identificar o momento de transição em que a sociedade deve se conscientizar da necessidade de transformar o paradigma histórico tradicional de modelo predatório, exploratório, capitalista e mecanicista, gerador de problemas como: fome, aquecimento global, obesidade e desnutrição, ameaça nuclear, guerras, desigualdades sociais e econômicas em busca de um processo holístico que considere tudo como um sistema interligado em que todas as partes devem ser mudadas para reequilibrar o todo, este é o tema de Capra.

Tomei a ideia de Capra pois considero que, no contexto da Arte Visual, um “ponto de mutação” ocorreu com o advento do Modernismo. Para exemplificar basta tomar o *Manifesto Futurista* escrito pelo poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti, publicado no jornal francês Le Figaro em 20 de fevereiro de 1909. No Manifesto apresenta 11 tópicos que deviam ser considerados pelos artistas a partir daquele momento, um momento de transição de uma sociedade agrícola, artesanal e tradicional para uma sociedade industrializada, motorizada e urbanizada, impregnada de novos valores.

Embora a visão “Marinettiana” se fixe no pensamento mecanicista, que Capra denunciou como predador, reflete um momento de transição, especialmente com relação à Itália e às transformações que o país encontrava para se consolidar como nação. Contudo há alguns pontos a destacar como cruciais para entender o processo de mudança na Arte e que tomam como referência o Belo. O item 4 declara: *“Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia”*.

Ou seja, a Beleza tradicional já não satisfaz, é necessário vestir esta beleza com outra roupagem, neste caso, da tecnologia. E continua no item 7: *“Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem”*.

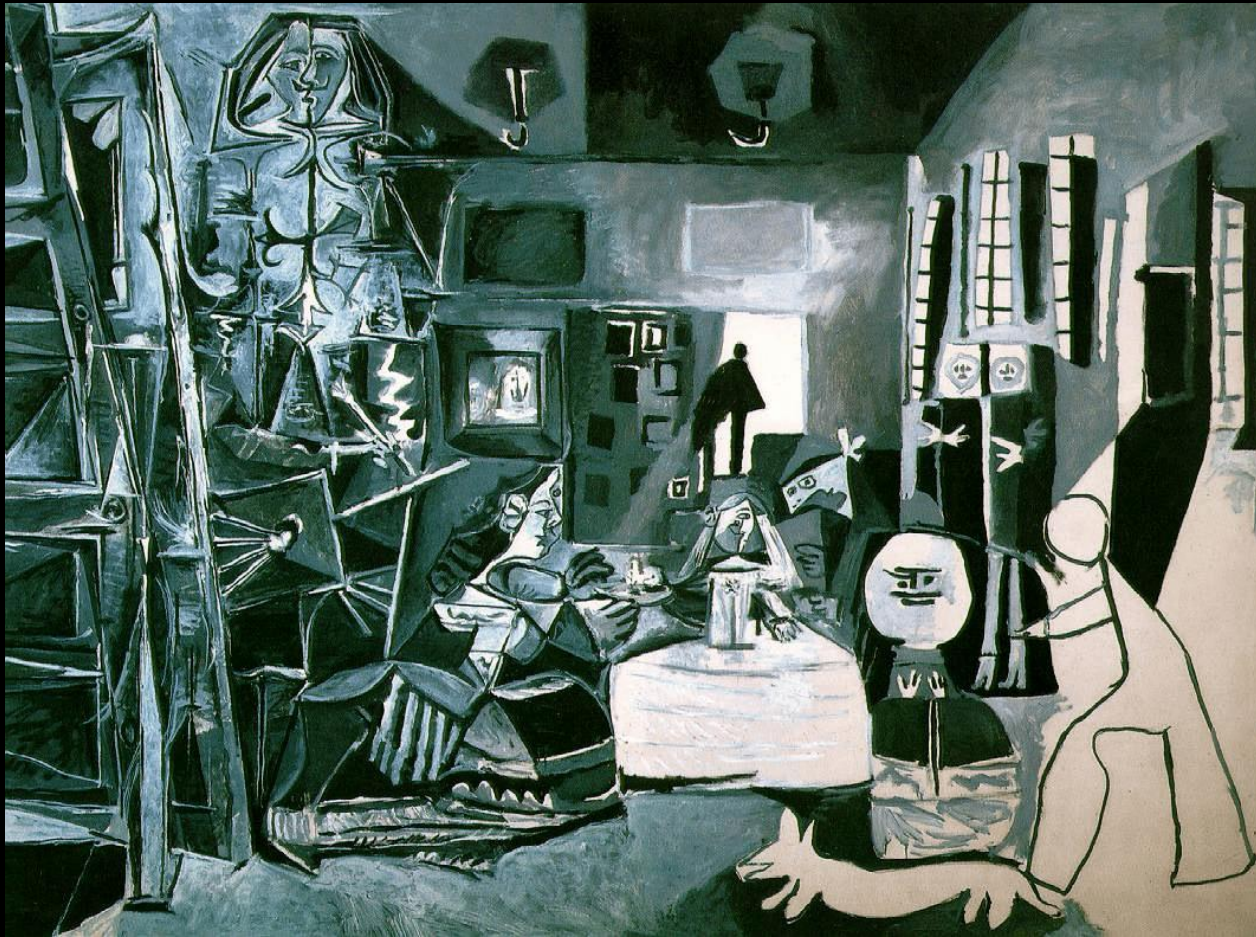
A força bélica e revolucionária do Manifesto de Marinetti tem também caráter político e ideológico. O que me interessa nele é demonstrar a ruptura que estabelece entre a tradição e a inovação, conceito que irá nutrir o Modernismo desde seus primeiros momentos.

Nas falas Marinettianas ficam patentes a negação da tradição e o enaltecimento da inovação. Isto também vai aparecer no Manifesto Dadá na escrita de Tristan Tzara em 1918: *“A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque ela está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem escura, deleitar ou maltratar as individualidades servindo-lhes os doces de auréolas santas ou os suores de uma corrida ondulante pela atmosfera. Uma obra de arte jamais é bela, por decreto, objetivamente, para todos”*. O que se percebe é que há, por um lado uma tentativa de transmutação do conceito de Beleza e por outro a sua negação, ou seja, a beleza, como diz Tzara, está morta! Isto serve para o Modernismo, o Pós-Modernismo e atualidade.

A Arte é autônoma, livre e propositiva, não é mais refém de cânones, modelos ou padrões de gosto. Em consequência disto, a Estética também não consegue mais atuar segundo as ordens ou categorias tradicionais, precisa buscar novas estratégias de análise compatíveis com o tempo atual. A recusa ao “deleite artístico” proclamado por Duchamp ao escolher um urinol para chamar de *A fonte*, já deixou bem claro que o conceito de beleza foi ali enterrado já que, como ele disse, ninguém é capaz de amar um chafariz-mictório. O estranhamento passa a ser um motivador estético.



Seguindo o raciocínio do Belo, não se pode negar que a obra de Diego Velázquez, “Las Meninas”, de 1656, corresponde a categoria do Belo pois o próprio artista testemunha, junto com o rei e rainha o ato de pintura da Infanta Marguerita, sua filha com toda a cerimônia que o ato exige, por meio de uma pintura realista elaborada com extrema habilidade técnica.



Isto não impediu Picasso de retomar a pintura de Velásquez e relê-la, em 1957, segundo a ótica Modernista no Cubismo. Neste caso há uma oposição entre o que fez Velásquez, no contexto do Barroco com as qualidades técnicas e naturalistas daquele momento, e a liberdade de Picasso ao destituir tais qualidades em função da expressão Cubista. Seria o Belo contra o Feio?

Para chegar um pouco mais perto, lembro uma fala de Nelson Goodman ao dizer que atualmente a pergunta não é mais *O que é Arte*, mas sim *Quando algo é Arte*. Goodman defende que não há diferenças fundamentais entre a experiência científica e a experiência estética. Assim como Baumgarten, admite que a científica considera a lógica como prioritária e a artística a sensibilidade, se uma é racional a outra é passional, mas não incompatíveis. Ambas são instrumentos de conhecimento e ambas atuam cognitivamente. Para ele a Arte não é um meio de representação, mas de conhecimento como entendo.

É necessário entender a Arte como um sistema e a Estética um meio de acessar, analisar e compreender como funciona este sistema: uma *Estética Analítica*. Neste caso não se olha mais para a Arte supondo o que ela mostra, seja do passado, do presente ou do futuro, mas sim o que ela *enuncia*, como constrói o significado e como gera sentidos e significação. Neste viés, se aproxima da Semiótica Discursiva. Para ele não importa se uma obra recorre ao que se considera belo ou bem feito, mas se cumpre a função para qual foi realizada, ou seja, a Estética.

Neste caso é Arte quando algo funciona como Arte, ou seja, cumpre seus desígnios estéticos dentro do Sistema de Arte vigente no tempo e no espaço, por isto pode-se dizer que o ser humano da pré-história fazia Arte sem consciência de fazê-lo ou que Duchamp torna Arte um urinol com a consciência de fazê-lo. Não se pode desacreditar a capacidade criativa como também não se pode desacreditar ou ignorar a capacidade simbólica da Arte. A grande questão é conseguir fazer com que as diferenças ou versões convivam dentro de um sistema capaz de analisar e avaliar o que se produz como Arte, sem preconceitos.

O que está em jogo é o sistema de valores do campo da Arte. Não se tem mais a certeza clássica de que imagens bem feitas ou bem articuladas com as narrativas míticas, heroicas, históricas ou religiosas que amparavam as crenças sociais garantiam sua “artisticidade”. Arthur Danto, vai investir nessa premissa e acaba admitindo que *é o Sistema de Arte vigente quem homologa a condição de ser ou não Arte*. Portanto a Arte é aquilo que o artista e o sistema decidem que seja Arte. Frederico Moraes, crítico carioca, editou um livro em 1998, cujo título é: *Arte é o que eu e você chamamos Arte: 801 definições sobre Arte e o Sistema de Arte*.

Ao contrário do que se entendia até o século XIX, que a Arte era algo perene e, supostamente, estável, a Arte contemporânea é efêmera e instável, logo, encontrar meios capazes de manter uma compreensão minimamente estável sobre a Arte atual é praticamente impossível. Este é um dos problemas que aflige os Estetas contemporâneos: como afirmar que algo é Arte se, daqui a pouco, pode deixar de ser? Neste caso há uma crise tanto na criação ou concepção artística quanto nas análises e compreensão estética. Pode-se dizer que a crise neste campo sempre existiu e a Estética sempre procurou dirimi-la.

Marc Jimenez, filósofo e professor na Sorbonne, sintetiza bem o que a Estética sempre tentou realizar, independente de tempo e lugar: *“As normas e as convenções estéticas exprimem a sensibilidade de uma sociedade em um dado momento; elas não são entidades abstratas que se pode arrastar à vontade dentro da história. Continuar neste caminho significa evidenciar uma nostalgia pelo passado, às vezes respeitável, mas inapta a compreender a evolução da Arte”*. Neste sentido cada momento tem a Arte que merece, mesmo quando não é entendida.

Por mais complexa e constrangedora que a Arte pareça em alguns momentos, não se pode negar que é isto o que ela é, sendo assim, é o resultado do percurso que a gerou. Por ser filha legítima da história e da cultura não cabe negar sua existência ou sua genética, quem sabe sua prodigalidade continue proporcionando esta miríade de manifestações criativas e desafiadoras mantendo alerta o espírito da época em suas conquistas e contradições, sendo sempre uma baliza das condutas e condições humanas e apontem, quem sabe um dia, um mundo melhor.

Apreciar, pensar, falar em Arte requer dedicação. Arte é um campo de conhecimento e como tal depende de dedicação, coisa que só se obtém com paciência e leitura. Obviamente, tudo começa com um estímulo, com uma aproximação, seja por meio de obras que estimulam o olhar, a sensibilidade ou por meio de leituras que desafiem o pensamento a ir além, a refletir, analisar e continuar lendo, aprendendo e ampliando a capacidade de compreensão sobre a história, a cultura e a humanidade. Isto só se faz com aprendizado e o aprendizado só acontece com envolvimento.

Não costumo fazer citações formais aos autores aos quais recorro nestes textos dadas às características das revisões que chamo de *Reflexões sobre Arte Visual*. O principal motivo é serem textos que partem de pontos de vista que assumo como opinativo e pessoal, portanto, não cabe dar-lhes um tratamento técnico acadêmico por serem destinados a divulgação de ideias e conceitos sobre Arte em geral. Contudo neste texto citei vários autores, mas faço menção apenas a dois livros que ajudam a compreender o contexto da Estética como meio de análise e compreensão para a apreciação artística:

Um é *História da Estética* de *Raymond Bayer*, publicado pela Editora Estampa de Lisboa, em 1993, que é meu manual cronológico. Outro é *O que é Estética?* De *Marc Jimenez*, publicado pela Unisinos, em 1999, que atualiza o pensamento estético. Quem tiver interesse sobre a Estética ou Filosofia da Arte deve procura-los. Por meio deles é possível obter uma noção mais precisa e consistente do que se chama Arte e Estética hoje e, com eles, justifico com mais certeza o que sempre digo:

Em arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.